Cláudio Santoro (Márcio Páscoa)

Nascido em Manaus, a 23 de novembro de 1919, Cláudio Santoro vinha de ascendência italiana e francesa. Seu empenho no estudo do violino fez com que o Governo do Amazonas o mandasse estudar no Rio de Janeiro, contava ele 13 anos de idade. Frequentou as classes de Edgard Guerra (violino), Nadile Barros (harmonia) e Augusto Lopes Gonçalves (musicologia). Seu esforço e talento foram tamanhos que ao fim do curso, em 1937, foi escolhido para professor adjunto da cátedra de violino do Conservatório de Música do Rio de Janeiro, onde estudara.

As suas primeiras composições datam desta época, por volta de 1938, quando fez um quarteto, uma sonata para violino e piano e algumas peças para piano, elogiadas pelo conhecido compositor Francisco Braga. Durante a elaboração de sua 1ª Sinfonia, passou a estudar com Hans Joachim Koellreuter, flautista e compositor, que introduzia a técnica dodecafônica no Brasil. A tendência de uma música mais livre já se revelava nas primeira obras de Santoro e a estética vanguardista de Koellreuter o impulsionou para longe do academicismo oitocentista. Em 1940, Santoro compôs uma sonata para violino solo e a 1ª Sonata para Violino e Piano, que chamou a atenção de Francisco Curt Lange, que tornar-se-ía célebre por suas pesquisas sobre a música colonial brasileira. Curt Lange era então diretor do Instituto Interamericano de Musicologia e publicou a sonata para violino e piano do amazonense. Embora esta peça estivesse orientada pelo dodecafonismo, Santoro passou alguns anos ainda compondo num estilo mais livre, até o momento em que foi para a Europa, gozar de bolsa de estudos obtida junto à França.

Antes disso já se dera a conhecer pelo grande público, tendo arrematado um prêmio de composição e sendo sua obra executada pela Orquestra Sinfônica Brasileira. A seguir, um revés: o governo norte-americano impediu-o de entrar no país, para gozar uma bolsa de estudos concedida pela Fundação Guggenheim. Mas neste momento dirigia-se para estudar com a célebre Nadia Boulanger, em Paris. No ano seguinte, 1948, recebeu um importante prêmio da Fundação Lili Boulanger, de Boston, EUA. Na banca estavam alguns dos nomes mais importantes da música do século XX: Igor Stravinsky, Sergei Koussevitzky, Aaron Copland e Nadia Boulanger.

Se a estética da música de Cláudio Santoro começara a mudar bruscamente quando da sua ida para a Europa, sua carreira internacional desenvolveu-se notavelmente a partir daí. Antes disso, retornando ao Rio de Janeiro, onde perdeu o cargo na Orquestra Sinfônica Brasileira, viu-se em dificuldades financeiras e foi morar numa fazenda no interior de Minas Gerais. Foi também uma época de conflito existencial. Nesta sua estada na Europa, Santoro havia estado no Congresso de Praga, onde os compositores discutiam a música como apoio ideológico e estético para a modificação da sociedade. Passado algum tempo retornou ao Rio de Janeiro. Foi trabalhar na Rádio Tupi e engajou-se em vários projetos na tentativa de praticar uma música de inclinação nacionalista. Tornaram-se frequentes em sua obra as citações ao folclore, a temas regionais e de caráter popular. Fez então música para filmes, para programas infantis e

sua 3ª Sinfonia pode ser considerada peça fundamental desta época, em vista do prêmio obtido junto ao Berkshire Institute, de Boston.

Sua participação no júri do Concurso Chopin, em Varsóvia, coincide com o início de sua carreira de regente na Europa. Sua primeira visita à União Soviética foi em 1953, mas apresentou-se lá somente em dezembro do ano seguinte, com enorme sucesso. Privando do contato estreito com os maiores musicistas da ex-cortina de ferro, Santoro prosseguiu em seu estilo nacionalista até o fim da década de 50, havendo fundado a Orquestra de Câmara da Rádio MEC e representado o Brasil em alguns encontros internacionais importantes, como o Congresso Soviético de Compositores, de Moscou, em 1957.

Um longo estágio na Alemanha Oriental, em 1961, marcou o início de nova mudança, uma vez que, a partir daí, retrocedeu na guinada folclorista que dera na década anterior. Voltou a compor em estilo dodecafônico e passou a adotar outras técnicas de vanguarda.

Em 1962, retornou ao Brasil, a convite, para criar o Departamento de Música da respectiva faculdade, na Universidade de Brasília. Ficou por um período curto, retirando-se em seguida para a Europa novamente, mas ainda com tempo de criar uma pequena orquestra e inserir um novo método de ensino musical na universidade brasiliense. Sua saída da instituição deveu-se a dificuldades administrativas oriundas do golpe militar mas, com a abertura política no Brasil, ele retornaria à UnB no fim dos anos 70.

Nesse longo período em que residiu quase que totalmente na Europa, Santoro afirmou-se dentro da corrente estética da música eletro-acústica, que já conhecera em incursões anteriores ao velho continente. Ao mesmo tempo, gozando de prestígio pela sua obra e por causa de apresentações anteriores, foi nomeado conselheiro do Centro de Informação e Divulgação de Músicas Latino-americanas, no Instituto de Música Comparada, de Berlim Ocidental, ganhando também os postos (a partir de 1970) de professor em Heidelberg, célebre escola de música, e em Mannheim, de importância histórica equivalente ou superior.

Em 1978 retornou para a UnB e assumiu sua cadeira no Departamento de Artes. Imediatamente recuperou entre os brasileiros o prestígio que uns poucos quiseram tirar, assumindo a direção da Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional de Brasília, dentre as muitas atividades e encargos acadêmicos e culturais que passou a desenvolver.

Nessa fase mais madura de composição associou o aprendizado e as estéticas múltiplas por que transitou ao longo de sua formação, e realizou o que muitos consideram a sua melhor obra.

A obra mais importante de Santoro tem sido considerada o seu grupo de 14 sinfonias, em especial a 10ª e seguintes, pelo universalismo e arrojo.

Quando a morte lhe chegou em 1989, estava ainda em plena atividade, bastando que se diga que o infarto fulminante lhe pegou em meio aos ensaios com a orquestra do Teatro Nacional, da qual era regente titular.

Sua ópera Alma (1984), escrita unicamente em versão reduzida para as vozes e piano, ganhou uma versão cênica em Manaus, durante o II Festival de Óperas, em 1997.

Fontes:

1. Mariz, Vasco – História da Música Brasileira, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1994.

2. Enciclopédia da Música Brasileira: erudita, folclórica e popular, São Paulo, Art Livre, 1977.

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura